

COMUNICAÇÃO ORAL - GT 01 | A TRANSMISSÃO EM PSICANÁLISE NO CONTEXTO BRASILEIRO: RACIALIZAÇÃO PARA UMA FORMAÇÃO ÉTICO-POLÍTICA

A PSICANÁLISE TEM COR E ENDEREÇO: PERSPECTIVAS PERIFÉRICAS SOBRE A PSICANÁLISE NO RIO DE JANEIRO

Camila De Sousa Fonseca (camilafonseca@id.uff.br)

Mariana Soares (marii.soares01@gmail.com)

A final, a quem a psicanálise se refere ao fixar seus consultórios e escolas de (de) formação em bairros elitizados? Evocando nossas experiências enquanto psicanalistas de periferia, pensamos na cidade do Rio de Janeiro – RJ, ocupada por diversos públicos, coabitando com diferentes braços de escolas das teorias psicanalíticas, mas ainda sim demarcadas entre lugares de ricos e pobres. Com o objetivo de fomentar discussões acerca da colonização que atravessa e atravessou as produções em psicanálise no Brasil, já que frequentemente analistas evocam Freud e sua obra como defesa das críticas feitas à psicanálise, anula-se importância do legado de Virginia Bicudo, mulher negra e primeira analisanda do país. Segundo Neusa Santos (1998, p.161), “A norma é sempre o masculino, o fálico, o adulto, o europeu. ”Através do olhar psicanalítico e experiência clínica, o presente trabalho propõe uma crítica aos modos de transmissão, prática, estudos e oferta da psicanálise pelo território periférico carioca, levantando questionamentos sobre o cunho colonizador e elitista do estudo e formação do psicanalista, o que tampona a escuta de sujeitos socialmente desassistidos, especificamente seu sofrimento. Atravessando a função do pagamento ao analista, já que equivale ao

investimento pulsional do sujeito em seu sofrimento, questiona-se: quem o pode pagar? Até então, é pouco debatido e encontrado em literatura científica a disponibilidade de oferta de escuta analítica para pobres, negros e periféricos. Partindo desta observação, percebe-se que nos grandes centros urbanos encontram-se moldes referidos para ocupar determinada localidade e seu público, marcados por quem é frequentador e trabalhador neste local. Parte da população negra e pobre mora em bairros afastados da região central ou praiana, na Zona Oeste, muitos trabalhadores dessa região executam suas funções nos territórios das escolas de psicanálise, é nítido o alinhamento entre a elite carioca e a prática da psicanálise, já que não há escolas de referência da psicanálise na Zona Oeste e há escassez de eventos, grupos de estudos e consultórios. Nós, referidos pela psicanálise, já nos deparamos com a conhecida máxima de que “a psicanálise não é para todos”. Se a psicanálise é oferecida para branquitude brasileira, realmente não é. O cerceamento da escuta analítica e dada como inalterável, torna o lugar de transmissão, prática, estudos e oferta disponível para poucos, inacessíveis para parte da população. As críticas são para que haja responsabilização dos psicanalistas que se apoiam à posição elitista e branca, a dificuldade da escuta analítica de subjetividades brasileiras.